

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO XI

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 55

São Paulo, Abril-Junho de 1965

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Gerente — Olívia OROSÇO

Redactor-Chefe — José de OLIVEIRA PINHO

CERTA ou ERRADA? Pergunta-se aos "não" Ingênuos

É voz geral entre os comentadores, autorizados ou não, da actual política económico-financeira do governo federal, que a mesma "está certa", embora mal aplicada. Discordamos totalmente desta interpretação no geral expandida com o fito de não cair em desgraça frente aos atuais mais uma vez provisórios detentores do poder, quando não para deitar "sabedoria" que absolutamente não possuem.

A actual política económico-financeira do governo, como de resto a de todos os DES-governos republicanos que o precederam desde 15 de novembro de 89, está TOTALMENTE ERRADA.

É o que provaremos.

As políticas — se é que assim as poderemos chamar — seguidas pelos DES-governos republicanos são um triste espetáculo de marchas e contra-marchas na vã tentativa de "contornar" certos efeitos dos erros acumulados, sem atenção e ataque à verdadeira causa segunda — porque a primeira é o regime republicano em si mesmo — causadora de todos os males que vimos padecendo.

Para maior brevidade desprezemos a análise — embora ela aqui também fôsse necessária — do negro passado republicano, e atenhamo-nos ao mais próximo, a partir do Sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Quem em sã consciência poderá negar que o Brasil progrediu, nesse período, 50 anos em 5 — no sector industrial, é claro —? Este avanço tecno-industrial projetou o país na estrada de um grande desenvolvimento. Quanto isto custou? Foi caro o preço, ou foi barato? A nós nos parece que foi um preço excessivo; mas, considerando o fato de que o regime republicano é CARÍSSIMO e PERDULÁRIO, por natureza, acabamos por concordar em que foi o preço adequado ao sistema político vigente. Ninguém, nestas circunstâncias, o faria por menos, a menos que não efetuasse tal obra.

O trem do desenvolvimento nacional, assim pôsto em alta velocidade, projetava-se para o futuro promissoramente, apesar dos efeitos altamente maléficos da inflação.

Que faz, então, a actual provisória administração do país? Ao invés de procurar brejar o comboio aos pouquinhos, a fim de pará-lo na estação da estabilidade económica, puxa intempestivamente pelo freio pondo o trem aos pinotes nos trilhos, com imminente risco de descarrilhamento e os passageiros apavorados pela iminência de serem esmagados pelos escombros.

Por que esta política está errada, apesar de que digam por aí, ERRADAMENTE, que tecnicamente ela está certa? Simplesmente porque a execução de determinada obra (no caso a política económico-financeira do governo) só estará tecnicamente certa quando o conjunto de preceitos — incluso entre estes o proverbial BOM SENSO — tendentes à sua completa, perfeita e

primorosa execução não estejam prejudicados por feitos que a invalidem, ou, mesmo, meramente, a comprometam, levando-a a não atingir o objetivo visado mas, pelo contrário, a um objetivo completamente afastado do BEM COMUM que deveria ser a meta final de toda e qualquer séria, honesta e patriótica política governativa nacional.

Só poderemos admitir que esta técnica seja a certa, se também admitirmos que o objetivo visado não era o bem comum, mas exatamente o que está acontecendo...

Vamos traduzir isto "em miúdos".

Quem o culpado? Quem o produtor da inflação no Brasil?

O comércio; a indústria; a lavoura; as classes produtoras — inclusive nestas os trabalhadores em geral — ou o ESTADO?

A resposta certa, honesta, escorreita é o ESTADO!!!

Como dissemos acima, o Estado republicano é caríssimo e perdulário. Gasta na sua manutenção, quase sempre, mais do que o valor que arrecada de impostos. Logo não há o que fazer senão aumentar a estes — numa desbragada, suicida e criminosa "política" fiscalista (ditadura fiscal) — ou emitir papel moeda, ambos processos ALTAMENTE INFLACIONARIOS, porque destruídos os seus valores em pagamento de funcionalismo público excessivo (que absolutamente não funciona, como comumente temos dito) que nada produz e sendo apenas consumidor em imenso volume é, por isso mesmo, elemento perturbador do mercado de trabalho e do nível de preços, já que compra sem produzir trabalho creador correspondente. Daí, a INFLAÇÃO.

Qual seria, portanto, a política certa e a técnica certa para o combate à dita cuja? Aumentar os impostos desbragadamente? Cercear o crédito à indústria e ao comércio, estancando abruptamente o desenvolvimento nacional, pondo o trem em perigo de descarrilhamento? Ou, reduzir a despesa excessiva do Estado, fonte e CAUSA SEGUNDA da inflação (eis que o regime é a CAUSA PRIMEIRA por propiciar um Estado ladrão, caríssimo e perdulário), encaminhando os valores assim economizados para o sistema bancário nacional, no atendimento de uma política de desenvolvimento, tendente à criação de novos empregos (não como se está fazendo, extinguindo empregos dos que já estavam empregados e fazendo secar a fonte de trabalho para os que todos os anos se integram no mercado de sua solicitação?

Estará certa a técnica empregada? É o que perguntamos, quando ouvimos o Sr. Ministro do Planejamento

(Conclui na última página)

UM ARTIGO PRECIOSO

Em nosso programa lançado na fundação deste movimento cultural-político Pátria-Nova ou Acção Imperial Patrianovista Brasileira, em 1928, houve um artigo: Centralização da Capital ou Corte do Novo Império que a Nação, desviada do seu verdadeiro caminho, continua a desejar, pois as "salvações repúblicas" não têm salvado coisa nenhuma desde 1889 até hoje.

Mas a interiorização supunha muitas providências concomitantes que república não pode realizar.

Sobre o assunto manifestou-se objectivamente o nosso correccionário sr. João de Seantimburgo (no "Correio Paulistano" (5 10 1957) — sob o título "Da descentralização administrativa como solução para o Brasil". É actualíssimo. Reproduzimo-lo, pois, com a devida vénia:

"Estão iludidos todos quantos supõem vir a ser Brasília o ponto de partida do processo de descentralização administrativa do país. A ignorância suficiente, ou simplesmente, a ignorância, a má fé, a demagogia política, a ingenuidade, a boa fé mal informada, e o defeituoso conhecimento da natureza do regime têm levado muita gente a tomar como verdade global, o que não passa de verdade parcial. Brasília apenas tirará do Rio uma capital. As interações, que a cidade e a política do governo exercem reciprocamente, não mais se assinalarão, mas os defeitos que hoje se assinalam no funcionamento da democracia brasileira, continuarão a subsistir. Por que haveria de a mudança da capital, modificar a estrutura do regime? Tudo continuará na mesma, por isso que, a democracia é, na sua substância, centralista.

"Tudo, agora, se resolve no Rio. A sábia fórmula da monarquia — centralização política e descentralização administrativa, — é, simplesmente, impossível, no regime partidário democrático eleitoral, em que problemas, e questões, que digam respeito, a interesses económicos, sociais e políticos, são tratados no Rio, isto é, na Capital Federal. Antontem fui ao Rio, exclusivamente, para conversar com o ilustre presidente do Banco do Brasil, o meu velho e querido amigo, sr. Sebastião Paes de Almeida, sobre a locação ou a venda de um prédio, para este jornal. Não seria preciso. Bastaria eu me dirigir à Agência, em São Paulo, porém tive que ir ao Rio.

"Mas, no Brasil, o governo é centralizado, e até as menores coisas são tratadas no Rio. Um delegado do Instituto de Aposentadoria e Pensões não tem autonomia nenhuma. Responde, apenas, pelo expediente, pois a constituição desses organismos não lhes permite o arbitrio de resolverem em matéria de sua competência. Fazendeiro, hoje, não pode morar em fazenda. Por mais que os criticemos, por viverem nas capitais, não temos total razão: quem não cuidar de seus interesses rurais no Rio, acaba em má situação. Basta viajar para a Capital Federal, para ter a medida de quanto a centralização leva gente para lá. São diretores de associações rurais e comerciais, de federações, são industriais e comerciantes, são banqueiros, são os empreendedores, que precisam interromper o trabalho, para baterem à porta do Banco do Brasil, do Ministério da Fazenda, ou mesmo, do presidente.

"A mudança para Brasília não vai adiantar muito. Continuará a centralização. O que salvará os brasileiros, os homens de empresa, os fazendeiros, comerciantes e banqueiros, será o

O VALOR DO SISTEMA MONÁRQUICO

Não é com o exemplo de uma ou outra injustiça, uma ou outra fraqueza, uma ou outra pequenez do Imperador, que se lhe há de caracterizar o Reinado e o sistema de governo. O Império se definia com a sua alta moralidade, a elevação do crédito nacional e os grandes nomes que ilustraram o regime.

RUI BARBOSA

Tudo quanto é a favor da República é contra o Povo; e tudo quanto é contra a República é a favor do Povo. Porque a República é essencialmente anti-nacional, anti-popular, meramente demagógica, eleitoralista, fiscalista e exploradora das paixões inferiores do homem.

POLITICA MONARQUICA

Enquanto se puder reduzir a despesa, não há direito de crear novos impostos — Visconde de Ouro Preto.

Attention! Voici notre nouvelle adresse: Cap. Mor Jerônimo Leitão, 108. — S. Paulo. Brésil.

avião a jacto. Brasília ficará à mesma distância do Rio, para nós, paulistas, pois, em lugar dos "Scandia" ou "Convair", teremos os "Caravelle" ou "Boeing". Mas a precisão para a capital da República será permanente; o grande fluxo de postulantes, não cessará, exclusivamente por ser centralista a democracia, na sua acepção brasileira. Espanta, como se pretenda convencer este povo, que a salvação do Brasil, está na mudança da capital.

"Será útil, reconhecemos, afastar a capital do Rio. A salvação do Brasil, virá, porém, de uma reforma de estrutura do regime. Nunca, da simples mudança de uma capital. A Câmara dos Deputados, o Senado, o presidente da República, o Supremo Tribunal Federal, os Ministérios, as autarquias, o Banco do Brasil, as repartições "diretamente subordinadas ao presidente", a burocracia, em lugar de estarem na Esplanada do Castelo, na rua Primeiro de Março, no Catete, na avenida Rio Branco, e adjacências, estarão no planalto goiano, no vasto descampado onde sopra a brisa morna dos trópicos. A mudança do doente de cama não vai alterar a forma de governo, nem o vício da centralização.

"Num país de regiões tão díspares, como o nosso, país onde se assinalam vários estágios económicos, os estágios neocapitalista, semicapitalista e acapitalista, para usarmos a nomenclatura de Ernst Wagmann, a centralização partidário-democrática, já de si danosa para as nações, mais nociva ainda o é, pois se adotam as mesmas medidas, se baixam as mesmas leis, se encara um imenso continente, como se tudo se circunscrevesse aos limites da avenida Rio Branco, na baía da Guanabara, da avenida Atlântica e os morros onde as favelas — com as quais já estamos habituados, e, portanto, insensibilizados com o testemunho dramático da sua miséria. — espiam a vida incompreendida das largas artérias da cidade.

"Se não for adotada a fórmula da velha monarquia — centralização política, isto é, unidade de chefia, e descentralização administrativa, isto é, administração das regiões segundo os seus estágios de civilização, de adiantamento, de peculiaridades e de possibilidades, — não haverá campanha de desenvolvimento que vingue, nem deixará a nação de se debater nas crises parciais que a atenuam. Não basta mudar a capital. Até direi que a República estragou o Rio. É preciso, isto sim, mudar o regime, reformar a sua estrutura, derrubar o dogma da intangibilidade dos três poderes, que hoje não tem mais razão de ser, senão na cabeça óca de alguns retrógrados liberais, mal informados sobre a moderna ciência política. Se não se operar essa transformação — na qual não acreditamos, por muitos motivos, que não vem ao caso citar, — grande parte dos esforços que se fazem pelo Brasil serão baldados, e os aproveitadores das situações confusas, dos regimes de vício e de defeito, continuarão a ter vida farta e posições de mando".

FORMA DE GOVERNO E... GOVERNO DEFORMADO

Podemos dizer que o sistema imperial, fazendo do Imperador um representante permanente da Nação, vivamente interessado, por posição, no êxito de qualquer política, dava-lhe a atribuição de nomear, mas realmente escolher, com base e conhecimento (já que possuía informações e conhecimento directo de todo pessoal político) a sobrevivência e a continuidade da política, a cargo da Câmara dos Deputados, que podia ser dissolvida em caso de necessidade.

E, mais ainda, sempre que a situação exigisse um tipo novo de governo, adaptado a uma questão precisa, êle poderia ser montado a qualquer momento, sem precisar de eleições e, principalmente, sem a necessária base de popularidade, aleatória, inconsequente, irracional e absurda.

Vê-se daí que o nosso problema, hoje, é o clássico: o das FORMAS DE GOVERNO. Precisamos de uma "reforma de cúpula": como organizar o governo, de modo a serem seus membros realmente escolhidos de acôrdo com critérios racionais? — João Camillo de OLIVEIRA TÔRRES.

Comentário — Não adianta, amigo Tôrres. Fizemos uma Revolução que SABIA O QUE QUERIA... mas foi parar nas mãos ignaras e obtusas dos "involucionários". No fundo, todas as revoluções depois da de 1889 (além da quartelada!) foram feitas "contra a república", mas guiadas por interesses internacionais e anti-nacionais...

LIÇÕES DO PASSADO

COMO FOI JUSTIÇADO O TRAIADOR E ENTREGUISTA DOMINGOS FERNANDES CALABAR

O nosso General Matias de Albuquerque lhes concedeu (aos holandeses vencidos) que o Sargento-mor Picardo, e os mais oficiais saíam com suas insígnias militares. E os demais soldados com suas armas, e balas em boca até tantos passos, onde seriam despojados delas, e que o Calabar ficaria preso até a mercê del-Rei.

Acetilaram os Holandeses o partido, e posta toda a nossa gente em ala a modo de esquadrão, repartido por dois lados, e o Sargento-mor Picardo veio saindo, e após dele todos os demais que dentro na força estavam com suas armas, e no fim da povoação lhes foram tomando Manuel Camelo Quiroga, e outros cinco homens graves, que para a tal facção estavam deputados, e dentro na fortificação ficaram presos Domingos Fernandes Calabar, sem que os Holandeses fizessem muita força por lhe libertar a vida nos concertos que trataram antes de se renderem (que este é o pago que eles costumam a dar aos que deles se fiam, que se servem deles enquanto os não mister, e no tempo da necessidade, e tribulação os deixam desamparados, e entregues à morte). Também prenderam a um Manuel de Crasto, homem de nação, o qual servia de Almoxarife, ou para que melhor digamos, de Meirinho dos provimentos aos Holandeses, que lhe buscava farinha, e vacas para se sustentarem; e se ficou com eles dentro na fortificação.

... E Manuel de Crasto foi condenado à morte por traidor, e o mandou o Auditor Geral enforçar em um cajuzeiro, e sobre o Calabar se fez junta no que se havia de fazer dele. E como se havia de entender aquela promessa dos concertos, que ficaria à mercê del-Rei, e se resolveu em que Matias de Albuquerque representava ali a pessoa del-Rei, pois era seu General naquela guerra, e exército; e assim o General com o Auditor, O CONDENARAM A MORRER ENFORCADO, ESQUARTEJADO, POR TRAIADOR, E ALEIVOSO A SUA PATRIA, E A SEU REI, E SENHOR, e por os muitos males, agravos, furtos, e extorsões que

Leia-se Filosofia Política de S. Tomás de Aquino,
Idéias que marcham no silêncio e Vária Matéria,
de A. Veiga dos Santos.

ADVERTÊNCIA AOS MODERNOS CALABARES

Cada país, antes de ter obrigações, sem reciprocidade para com a humanidade, as possui primeiramente relativas a si mesmo e aos INTERESSES ESSENCIAIS a ele confiados". — Niboyet (Traité de Droit International privé français, t. III, n. 907, p. 163 — Paris, 1944).

Perguntar por que os verdadeiros Estados-Unidos vivem bem com a sua república e por que os falsos estados-unidos (isto é, o Brasil) vivem mal com a "república dos estados-unidos" que às brutas lhe impuseram em 1889 é analogicamente o mesmo que perguntar por que o peru vive bem num terreno galinheiro e a águia só vive bem na imensidão do espaço aéreo. — Isso sem ofender Tio Sam que não teve culpa da asneira dos Bocaluvas, Deodoros e outros lunáticos.

O PATRIANOVISMO RESOLVERÁ TODOS OS PROBLEMAS DA NAÇÃO E DO ESTADO

O PROGRAMA PATRIANOVISTA atinge todos os problemas nacionais, visto como (dissemolo) BRASIL E MONARQUIA são congênitos, consubstanciais. Pretende o Patrianovismo restabelecer em termos tradicionais ortodoxos as relações entre os poderes temporal e espiritual, redividir geopoliticamente as províncias; solver os problemas das populações marginais do País; restabelecer as liberdades municipais reorganizando a vida econômico-social do MUNICÍPIO, para que se torne de novo e realmente verdadeira célula política do Estado (assim como a Família prestigiada será a célula da Nação); será o Município a fonte básica da "verdadeira" representação, por meio da PRODUÇÃO NACIONAL (capital, trabalho e cultura), organizada ou reorganizada dentro da Justiça Social.

havia feito, e foi causa de se fazerem aos moradores de Pernambuco. Mandou logo Matias de Albuquerque chamar ao padre Frei Manuel do Salvador aomato, onde ele morava, que não era muita a distância da povoação, e lhe pediu que fosse a confessar ao Calabar, e o encaminhasse a que não perdesse a alma, pois com tanta infâmia tinha perdida a vida: foi o Padre logo aonde estava preso, e lhe disse o que lhe importava para sua salvação, e que se preparasse para se confessar, como que naquele dia havia de ir dar contas a Deus; e depois de lhe fazer algumas exortações necessárias em tal tempo, o deixou só, e se saiu para a rua por espaço de uma hora, para que naquele meio tempo se aparelhasse como convinha.

Dentro de uma hora tornou a ter com ele, e das oito da manhã até o meio dia esteve com ele, e se confessou com muitas lágrimas, e compunção de espírito, segundo demonstrava, e entendeu o Padre, que com muito, e verdadeiro arrependimento de seus pecados, segundo o que o juízo humano pode alcançar; e lhe fez certos apontamentos de dívidas, e obrigações em que estava, e de boa quantia de dinheiro, que os do Conselho supremo dos Holandeses lhe deviam de seu soldo, e de algumas peças de ouro, e prata, e alfaias de seda, que no Arrecife tinha, para que dali se pagassem algumas dívidas, em que estava obrigado; e lhe mandou que estes apontamentos entregasse a sua mãe Angela Alves, o que o Padre fez pontualmente; e tornando a vê-lo pelas três horas da tarde se tornou a reconciliar com as mesmas lágrimas, e mostras de arrependimento.

... Tanto que apontou a noite se pôs a soldadesca em ordem, e o Sargento-mor dos Italianos Paulo Barnola (Nota de Monarquia: Os Italianos do Sul faziam parte do Império Espanhol-Luso nesse tempo), com o Probeste, e mais ministros da Justiça, tiraram ao Calabar da prisão, e a um esteio que ali estava junto à casa lhe deram garrote, e o fizeram em quartos, os quais puseram em cima dos paus da estacada, que havia servido de trincheira aos Holandeses; e com tanta pressa, que nem lugar lhe deram a se despedir, e pedir perdão aos circunstantes, como queria, receosos de que dissesse, ou declarasse algumas coisas pesadas, o que ele não tinha intenção de fazer, segundo o havia prometido ao Padre. Morto o Calabar mandou Matias de Albuquerque carregar em carros as peças de artilharia, que ali achou, e as foram esconder em um rio secretamente, para se tirarem a seu tempo, e em outros carros puseram as armas, que haviam tomado aos rendidos, e outras virtualhas; mandou tocar caixa, e marchou com todo o peso da gente de guerra para a Alagoa, com o qual se foram também alguns moradores daquela freguesia, deixando suas casas, e fazendas ao desamparo.

FREI MANUEL CALADO, "O Valeroso Lucideno".

ESCRavidão E REPÚBLICA

"O grosso das forças republicanas vem do descontentamento causado pela abolição. Foram as leis de 28 de setembro de 1871 e de 13 de maio que fizeram surgir do solo as legiões que hoje avançam contra a Monarquia. Com semelhante origem, não creio numa república popular..."

São palavras de Joaquim Nabuco. Isso explica por que, desde sempre, a "bela invenção" de 89 vem torturando e perseguindo quase a totalidade do nosso povo, enchendo de regalias e delícias os donos e os afiliados dos donos da república... sem contar as traições entreguistas... de vários nalgas que nos fazem escravos de interesses anti-nacionais e internacionais.

GOVERNOS LUDIBRIADOS...

Eu tenho dó dos governantes. Vivem eternamente iludidos pelos bajuladores. Ninguém tem ânimo de lhes dizer a verdade crua. Só quando deixam o poder é que se convencem do erro, mas é tarde.

MONTEIRO LOBATO

O BRASIL É REAL E TRADICIONALMENTE MONARQUIA, IMPÉRIO. A REPÚBLICA, TOTALITARIAMENTE IMPOSTA POR UM GRUPO DE IMBECIS OU PRIMÁRIOS, É RAÍZ DA NOSSA DESGRAÇA E DECADÊNCIA COMO NAÇÃO HONRADA, RICA, DIGNA, PODEROSA.

Attention! This is our new address: Cap. Mor Jerônimo Leitão, 108. — S. Paulo, Brazil.

MONARQUIA

É sob a Monarquia que temos obtido a liberdade de que gozamos e que outros países nos invejam. E podemos mantê-la com amplitude suficiente para satisfazer às aspirações do povo mais brioso.

Viva a Monarquia, sim! Forma de governo que a imensa maioria da Nação abraça; e a única, a única que pode fazer a sua felicidade e a sua grandeza!

VISCONDE DE OURO PRÉTO. 1889.

Nota. Pode-se reafirmar isso ainda hoje, no ano de 1965.

Os inimigos da Monarquia são simultânea e implicitamente inimigos da família e da Igreja. É minando estas que acabam derrocando aquela. E às vezes viceversa.

CERTA OU ERRADA? (conclusão)

dizer, em discurso pronunciado em São Paulo, no dia 25 de Abril pp., no Nacional Clube, que o desemprego havia sido previsto ao se estabelecer a atual política desinflacionária, mas que esse desemprego seria passageiro, pois que o programa habitacional do Banco Nacional da Habitação absorveria próximamente a mão de obra posta, por essa política, em disponibilidade.

Não há que negar o brilhantismo do Sr. Ministro, na exposição das suas idéias. Esse brilhantismo, porém, não implica na adequação de sua política e da técnica nela empregada ao desideratum do bem comum.

Claro está que não é certa a técnica que pretende empregar operários especializados da indústria automobilística, mecânica, de tecidos, etc. (postos em disponibilidade por essa mesma "técnica"), na indústria de construção civil. O BOM SENSO de mais simples dos cidadãos deste país dirá que essa "técnica" é ABSOLUTAMENTE ERRADA. Note-se, ainda, que a indústria da construção civil também está em crise por força da política errada do governo. Outro erro gravíssimo foi transferir o ônus da construção de habitação para o povo, do particular para o ESTADO.

Estará certa a técnica empregada que diminui o preço de certos artigos industriais DE LUXO, como rádios, TVs, vitrolas, liquidificadores, geladeiras, automóveis de passeio e aumenta o preço dos artigos de primeira necessidade, estes mais do que nenhuns outros interessando à maioria arrasadora do povo brasileiro?

Não se deve esquecer que os preços daqueles produtos industriais baixaram APENAS porque a vida do comércio foi dificultada pela tal "técnica" e política governamental de restrição do crédito e arrecadação a todo custo do maior volume possível de impostos, NAO IMPORTA QUE A INDÚSTRIA E O COMERCIO nacionais VÃO "À GARRA".

Os comerciantes e os industriais estão vendendo (melhor se dirá tentando vender, já que em realidade não estão vendendo quasi nada) até abaixo do custo, para poderem atender aos compromissos anteriormente contraídos e que ora não podem ser solvidos, acontecendo que a maioria absoluta dos comerciantes e industriais, para não dizer TODOS, em lenta agonia, não fazendo vendas, vão "empurrando de barriga" uns aos outros, numa política de "ninguém paga ninguém", até que uma pequena fagulha, uma pequena falência, desencadeie a série que levará a tudo e a todos de roldão, "para o bem e felicidade geral de nossos inimigos internos e externos" que estão apenas na espreita, para virem com o seu dinheiro não inflacionado arrematar, na "bacia das almas", os "salvados do incêndio" de uma política ilusória de técnica absolutamente errada.

De que nos adianta termos televisores 300 mil cruzeiros mais baratos se não temos o restante do preço para comprá-los?

ISSO É QUE É SER "HOMEM"!

"A Princesa Imperial (Isabel Redentora), ao passar pela mesa de Sèvres, em que assinou, no dia 13 de Maio de 1888, às 2 horas da tarde, o decreto da abolição, exclamou: "Se nos expulsam, a mim e a minha família, pelo que assiné ali, repostas as cousas como dantes, hoje eu tornaria a escrever o meu nome sem vacilação". — Atesta-o o Almirante Jaceguay. E é mais do que provável que, se a Princesa não realizasse o acto memorável, a demagogia republicana só libertaria os escravos se lho impuséssemos pelas armas... como na república norte-americana!

O NOSSO ENDERÇO
EM VIRTUDE DAS NOSSAS DIFICULDADES
COM CAIXAS POSTAIS, TEREMOS POR ENDE-
REÇO, ATE POSTERIOR AVISO, O SEGUINTE:
Rua Capitão-Mor Jerônimo Leitão, 108, sobreloja.
S. Paulo — Brasil

Apesar de sermos contra a inflação, preferiríamos que custassem 300 mil cruzeiros mais caros, mas que o seu preço pudesse por nós ser pago, com o dinheiro que nos fôsse sobrando...

A política ditatorial econômico-financeira e fiscalista que está sendo seguida e bem assim a sua técnica é a mais errada possível, pois que leva a um resultado evidentemente catastrófico. É de resto uma política SUCIALISTA, tanto quanto a comunista (vinho da mesma cepa) tendente ao nivelamento por baixo.

Não se visa com ela a elevar o pobre até ao rico, mas, ao contrário, fazer descer o rico até ao pobre.

Pessoalmente prefiro elevar o pobre a comer em pratos de Sèvres a fazer o rico descer a comer em cuia de queijo palmira.

O que deveríamos fazer era, por todos os meios possíveis e imagináveis, elevar o nordeste, através de um programa sério e patriótico de desenvolvimento, ao nível econômico do sul do país. Nunca fazer descer o sul ao nível do nordeste, como parece ser o fim da política econômico-financeira do governo.

Elevado economicamente o nordeste — cujo magnífico e sofrido povo mais do que o merece — teríamos criado o grande mercado interno, nivelando por cima a TODOS os brasileiros.

Esta sim, seria uma política certa com técnica certa. Como está, a coisa é mais do que errada, queiram ou não queiram os eternos sofistas, pregoeiros demagogos da desgraça nacional.

Homens de bom senso do meu país. Especialmente a vós, oficiais não INGENUOS do glorioso Exército Nacional, ainda, apesar de tudo, imbuidos do espírito de CAXIAS, o grande Duque do Império Brasileiro, o Condestável da Pátria, eu vos faço uma angustiante pergunta:

Até quando a RÉ pública continuará a destruir o Grande Império de Nossos Avós?

José de OLIVEIRA PINHO

NAO CONSULTE CHARLATAES EM POLITICA, LEIA
"IDEIAS QUE MARCHAM NO SILENCIO", DE A. VEIGA
DOS SANTOS. — Em todas as livrarias de S. Paulo.